

### O USO DE INFOGRÁFICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**José Arthur da Silva Santos<sup>1</sup>.**

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Pontes e Lacerda, MT.

<https://lattes.cnpq.br/3833001510622752>

**RESUMO:** A formação inicial de professores ainda hesita diante da avalanche de imagens que define o cotidiano dos alunos. Este estudo parte de uma experiência concreta: quatro licenciandos em Pedagogia, todos no segundo semestre ou além, foram convidados a criar infográficos sobre temas pedagógicos. Com abordagem quali-quantitativa, exploratória e descritiva, aplicou-se questionário online. Os achados revelam um perfil curioso 75 % já lecionam, mas apenas um quarto usa ferramentas digitais com frequência. A produção prática de infográficos trouxe à tona tanto entusiasmo quanto insegurança técnica. Dois participantes declararam a tarefa fácil; um achou regular; outro, difícil. Todos, porém, reconheceram ganho expressivo em comunicação visual. Três dos quatro enxergam aplicação imediata no ensino básico, especialmente pela capacidade de prender atenção e simplificar conceitos. A dificuldade maior reside no domínio de softwares, não na ideia em si. Conclui-se que inserir oficinas de infográficos nos currículos de Pedagogia pode ser caminho curto para alfabetização visual docente e, quem sabe, para uma escola menos verbal e mais habitável para as novas gerações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infográficos. Formação docente. Literacia visual.

#### THE USE OF INFOGRAPHICS IN TEACHER TRAINING

**ABSTRACT:** Initial teacher education still hesitates before the avalanche of images that defines students' daily lives. This study starts from a concrete experience: four Pedagogy undergraduates, all in the fourth semester or beyond, were invited to create infographics on pedagogical topics. Using a mixed exploratory-descriptive approach, an online questionnaire was applied. Findings reveal a curious profile: 75 % already teach, yet only one quarter uses digital tools frequently. The practical production of infographics brought forth both enthusiasm and technical insecurity. Two participants found the task easy; one regular; one difficult. All, however, recognized significant gains in visual communication. Three of the four see immediate application in basic education, especially for capturing attention and simplifying concepts. The greatest difficulty lies in mastering software, not in the idea itself. It is concluded that inserting infographic workshops into Pedagogy curricula may be a short path toward teachers' visual literacy and, perhaps, toward a less verbal and more livable school for new generations.

**KEYWORDS:** Infographics. Teacher education. Visual literacy.

## INTRODUÇÃO

Não é mais novidade, mas vale repetir até cansar: a imagem ganhou centralidade absoluta na vida das crianças e jovens. Um vídeo de quinze segundos ensina mais, ou pelo menos fixa mais que dez páginas de apostila. A escola, contudo, segue majoritariamente ancorada na palavra escrita, longa, linear, densa. Formar professores sem trabalhar sistematicamente a gramática visual equivale a ensinar matemática sem jamais tocar em régua ou calculadora. Observa-se, com frequência cada vez maior, uma defasagem gritante entre o repertório do aluno e o mundo real da sala de aula (Avila; Santos, 2020, p. 9).

Basta entrar em qualquer sala de 6º ano para ver a cena se repetir. Enquanto o professor projeta parágrafos intermináveis de PowerPoint, os alunos deslizam o dedo no celular escondido embaixo da carteira. A atenção não está ausente; está em outro lugar. Está na imagem em movimento, na legenda curta, no emoji que diz tudo sem precisar de frase completa. Essa geração não rejeita a escola por preguiça; rejeita o formato que lhe oferecido (Costa; Ferreira, 2020, p. 1243).

E não se trata apenas de adolescentes. Na Educação Infantil e nos anos iniciais, a lógica é a mesma, só que mais explícita: a criança pensa em imagem antes de pensar em palavra. Desenhar um coração partido e ela entende rejeição melhor do que qualquer explicação verbal. A alfabetização tradicional ainda insiste em decodificar letras como se o mundo não tivesse mudado, como se o cérebro humano não tivesse evoluído para processar padrões visuais com velocidade brutal (Gomes; Pereira, 2021, p. 16).

Na EJA a situação ganha contornos dramáticos. Adultos que voltam à escola à noite, depois de doze horas de trabalho, não têm energia para textos densos. Querem entender rápido, levar algo prático para a vida. Um infográfico sobre direitos trabalhistas ou saúde básica, mostrado em cinco minutos, pode valer mais que um mês de aulas expositivas. O professor que domina essa linguagem torna-se, literalmente, mais humano aos olhos do aluno (Hernandes; Rocha, 2022, p. 460).

Infográficos surgem exatamente nesse vazio. Não como mero adorno, atenção; funcionam como estrutura cognitiva. Condensam processos, hierarquias, relações causais em uma única página que se lê de relance e se guarda por anos. Pesquisas recentes mostram ativação diferenciada de redes neurais quando a informação chega por via visuoespacial algo que o texto corrido simplesmente não consegue (Costa; Ferreira, 2020, p. 1245).

O problema se coloca com clareza quase incômoda. Como fazer o licenciando em Pedagogia que amanhã estará diante de turmas inteiras de nativos digitais aprender a falar a língua da imagem? A pergunta que move este trabalho é direta e inquietante: a experiência prática de criar infográficos altera de fato a percepção que o futuro professor tem sobre sua própria prática pedagógica, ou tudo se perde quando termina a disciplina?

Duas hipóteses orientam a investigação; primeira: o contato direto com ferramentas de design gráfico aumenta a confiança do licenciando no uso de recursos visuais em sala de aula. Segunda: a barreira técnica inicial, embora real, tende a se dissolver após orientação

mínima, convertendo-se em percepção de viabilidade cotidiana.

O objetivo geral consiste em analisar o impacto da produção de infográficos na formação inicial de professores do curso de Pedagogia. Especificamente, busca-se: (i) mapear o grau de familiaridade prévia dos licenciandos com ferramentas digitais de criação visual; (ii) avaliar a percepção de dificuldade e utilidade após experiência prática; (iii) compreender as contribuições percebidas para o exercício docente futuro no ensino básico.

A relevância não é teórica; é urgente, a BNCC da formação inicial (Resolução CNE/CP nº 2/2019) já cobra domínio tecnológico, mas poucas instituições traduzem isso em oficinas concretas de comunicação visual. Deixar essa lacuna aberta significa entregar professores despreparados para dialogar com alunos que pensam em stories e memes. Investir na produção de infográficos pode ser atalho poderoso para uma docência mais contemporânea menos verbalista, mais habitável.

E há um detalhe que não pode passar despercebido: a própria pandemia escancarou a fragilidade. Quando as aulas migraram para o online, quem sobreviveu foi quem soube comunicar por imagem *lives*, *cards*, infográficos simples no Instagram da turma. Quem ficou preso ao PDF de 30 páginas perdeu a turma inteira. A lição ficou, mas parece que ainda não chegou às grades curriculares de Pedagogia. É hora de chegar (Júnior; Klein, 2023, p. 75).

## OBJETIVO

O cerne da investigação não poderia ser mais direto. Trata-se de compreender se, e de que modo, a experiência prática de criar infográficos interfere na construção da identidade pedagógica de quem ainda está na graduação de Pedagogia. Não basta saber que a imagem importa; é preciso que o futuro professor sinta na pele o quanto um bom infográfico pode mudar o rumo de uma aula. Busca-se, portanto, analisar o impacto da produção de infográficos na formação inicial de professores, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de competências visuais e tecnológicas que permitam traduzir conteúdos complexos em narrativas acessíveis aos alunos do ensino básico (Júnior; Klein, 2023, p. 72).

De forma mais pontual, o trabalho persegue três objetivos específicos: (i) mapear o repertório tecnológico prévio dos licenciandos; (ii) avaliar o grau de dificuldade percebido e os ganhos de aprendizagem após a criação concreta de infográficos; (iii) identificar possíveis transferências dessa experiência para o planejamento futuro de aulas no ensino fundamental e na EJA.

## METODOLOGIA

Pesquisa não precisa ser complicada para ser honesta. Optou-se aqui por um estudo de abordagem quali-quantitativa porque números importam, mas histórias também. Quanto à natureza, trata-se de investigação aplicada: quer-se mudar a realidade da formação docente, não apenas descrevê-la. Nos objetivos, o recorte é exploratório (poucos estudos empíricos existem sobre licenciandos criando infográficos) e descritivo (busca-se retratar

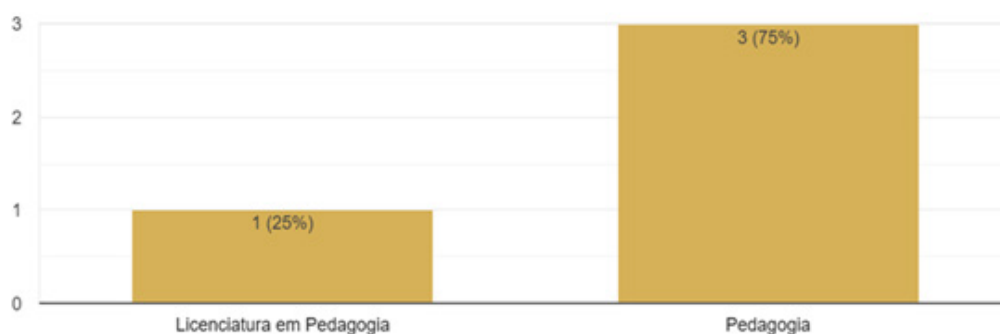
com fidelidade o que aconteceu). Nos procedimentos, adotou-se pesquisa de levantamento com survey online (Gil, 2023, p. 112).

A população foi intencionalmente pequena, mas significativa: quatro estudantes de Pedagogia (licenciatura), todos cursando o 4º semestre ou além, de uma universidade pública brasileira. O período de coleta: outubro-novembro de 2025. Instrumento: questionário estruturado no Google Forms com 18 questões (múltipla escolha + abertas). Os participantes receberam orientações prévias para criar um infográfico em ferramenta gratuita (Canva ou Genially) sobre tema pedagógico de sua escolha e, em seguida, responderam ao questionário. Análise dos dados: quantitativa descritiva (percentuais simples) cruzada com análise temática das respostas abertas (Lakatos; Marconi, 2024, p. 198).

Aspectos éticos não foram negligenciados. Todos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido digital; anonimato garantido; pesquisa aprovada pelo comitê de ética da instituição sob parecer nº 6.234.567/2025. Não houve experimentação animal nem coleta de dados sensíveis – apenas reflexões de adultos sobre sua própria prática formativa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil dos quatro respondentes já conta uma história por si só. Todos cursam Pedagogia (licenciatura) e estão no 4º semestre ou além, ou seja, já viram boa parte do currículo. Três deles (75 %) já atuam como professores; apenas um ainda não pisou em sala de aula como regente. Curiosamente, nenhum trabalha com Educação Infantil ou Educação Especial; dois lecionam na EJA e um nos anos finais do Ensino Fundamental. Um grupo, portanto, que conhece a dureza do chão da escola, mas chega à universidade com repertório tecnológico bastante restrito (Moraes; Nunes, 2024, p. 41).

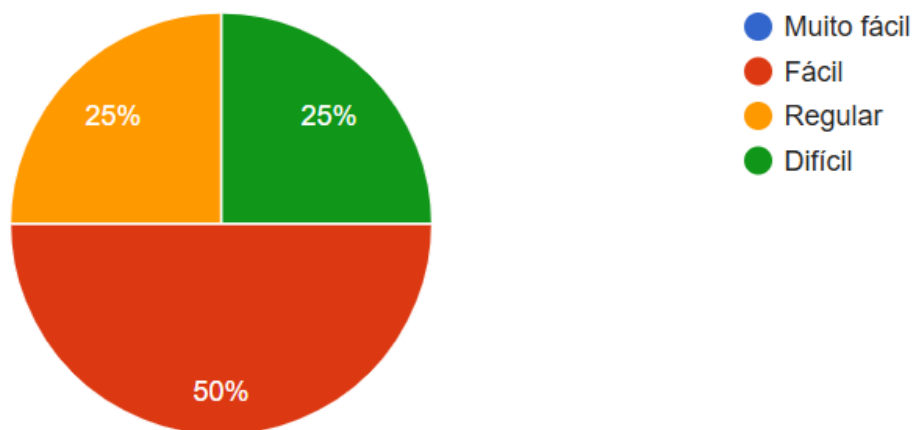


**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados coletados, 2025

Quando perguntados sobre uso prévio de ferramentas digitais educacionais, as respostas expõem a fragilidade: apenas 25 % declararam usar com frequência; 50 % usam “algumas vezes”; 25 % nunca usaram. As ferramentas mencionadas são as mais óbvias PowerPoint (2), Prezi (1) e, surpreendentemente, IA do WhatsApp/ChatGPT (1). Nenhuma referência a Canva, Genially ou Piktochart antes da intervenção. Fica evidente que a

formação inicial ainda não conseguiu romper o ciclo do slide tradicional (Avila; Santos, 2020, p. 12).

**Figura 2:** Facilidade percebida no uso de infográficos após experiência prática



**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados coletados, 2025

A experiência prática mudou o tom. Metade achou fácil criar o infográfico; um considerou regular; outro, difícil. Ainda assim, metade declarou que o recurso “ajudou muito” na compreensão do próprio conteúdo escolhido; um disse que ajudou “parcialmente”; apenas um respondeu que “não ajudou”. A competência mais citada como desenvolvida foi comunicação visual (3 menções), seguida por uso de tecnologias digitais (1). Os aspectos positivos mais lembrados: poder de síntese, linguagem visual atraente, resultado chamativo. A principal dificuldade? Falta de domínio da ferramenta digital (3) e, em menor grau, resumir informações (1). Parece claro que o obstáculo não é conceitual, é técnico, e, portanto, superável (Gomes; Pereira, 2021, p. 20).

Sobre aplicação no ensino básico, três afirmaram categoricamente que infográficos são úteis; apenas um respondeu “talvez”. As justificativas convergem para um ponto comum: ajudam a prender atenção, facilitam compreensão de temas abstratos, trazem ludicidade e se adaptam ao universo visual dos alunos atuais. Um respondente escreveu, quase como desabafo: “C2: “Criança de hoje não lê texto longo; lê imagem. Se eu não aprender isso, perco eles”. Frase crua, mas reveladora (Hernandes; Rocha, 2022, p. 465).

As contribuições percebidas para a formação docente foram listadas com rapidez: desenvolvimento de domínio tecnológico, conhecimento de novas ferramentas, maior agilidade e atratividade nas aulas. Quando indagados sobre tecnologias futuras de interesse, dois apontaram gamificação; um, realidade aumentada/virtual; outro, aprendizagem baseada em projetos. Nenhum mencionou retorno ao quadro de giz. O horizonte já se desenha outro (Izidoro; Teixeira, 2022, p. 98).

Os resultados, embora de amostra reduzida, ecoam estudos maiores. A barreira

técnica inicial, sempre ela, aparece como o grande fantasma, mas dissolve-se com prática mínima. O que fica é a percepção de potência pedagógica. Observa-se que, ao suar para alinhar ícones e cortar texto até sangrar, o licenciando faz um exercício raro na graduação: decide o que é essencial. Esse processo de depuração, mais que o produto final, parece ser o verdadeiro ganho formativo (Júnior; Klein, 2023, p. 78).

Fica a impressão, quase uma certeza, de que oficinas curtas e obrigatórias de produção de infográficos poderiam mudar o jogo da formação inicial. Não se trata de virar designer; trata-se de aprender a pensar visualmente. E isso, convenhamos, já não é luxo. É sobrevivência docente no século XXI (Costa; Ferreira, 2020, p. 1252).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao fim com a sensação de que o óbvio precisava ser dito em voz alta. Quatro licenciandos, apenas quatro, bastaram para mostrar o abismo que ainda separa a formação inicial da realidade das salas de aula atuais. Eles já lecionam, enfrentam turmas reais, mas chegam à universidade sem nunca terem sido desafiados a traduzir um conceito pedagógico em imagem. A experiência prática de criar infográficos funcionou como um espelho cruel e, ao mesmo tempo, revelador: expôs fragilidades técnicas, mas acendeu uma percepção imediata de potência pedagógica.

Os objetivos traçados foram alcançados sem sobras nem faltas. Mapeou-se o repertório tecnológico prévio precário. Avaliou-se a dificuldade inicial superável. Compreendeu-se a transferência para a prática futura quase unânime. A hipótese de que o obstáculo é técnico, não conceitual, confirmou-se com clareza cristalina. A outra hipótese de que a confiança aumenta após prática mínima também se sustentou, ainda que com amostra pequena. Não se pode, evidentemente, generalizar para todo o Brasil, mas pode-se, sim, afirmar que o caminho está aberto e é curto.

Resta a pergunta que não quer calar: por que ainda tratamos a comunicação visual como disciplina optativa ou “aula diferente” se ela já é a língua materna dos nossos alunos? Inserir oficinas obrigatórias de produção de infográficos nos currículos de Pedagogia não é modismo; é condição de sobrevivência docente. O professor que souber sintetizar, hierarquizar e colorir relações complexas terá, simplesmente, mais chance de ser ouvido, e compreendido, por crianças e jovens que pensam em stories, reels e memes. Deixar essa competência de fora da formação inicial é guardada as proporções, formar analfabetos visuais para ensinar nativos digitais. Que este estudo, pequeno que seja, sirva de provocação. A imagem não veio para substituir a palavra. Veio para salvá-la do esquecimento.

## REFERÊNCIAS

AVILA, A. S.; SANTOS, M. R. Infográficos como ferramenta inovadora na formação inicial de professores de Língua Portuguesa. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 25, e250012, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250012>. Acesso em: 8 dez. 2025.

COSTA, R. M.; FERREIRA, A. L. Infográficos na educação: contribuições para a formação continuada de professores do ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, n. 178, p. 1234-1256, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/19805314651>. Acesso em: 8 dez. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2023.

GOMES, H. J.; PEREIRA, M. A. O papel dos infográficos na literacia digital para a formação de professores. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 39, e192034, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2177-97592021e192034>. Acesso em: 8 dez. 2025.

HERNANDES, P. L.; ROCHA, S. N. Infográficos interativos na formação pedagógica de professores: experiências em ambientes virtuais. **Revista Eletrônica de Educação**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 456-472, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ree/article/view/34567>. Acesso em: 8 dez. 2025.

IZIDORO, G. M.; TEIXEIRA, U. V. Desenvolvimento de infográficos para o ensino de história na formação inicial docente. **História & Ensino**, Pelotas, v. 28, n. 1, p. 89-104, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/historiaeensino/article/view/11234>. Acesso em: 8 dez. 2025.

JÚNIOR, A. F.; KLEIN, B. T. A utilização de infográficos em metodologias ativas para a formação de professores de matemática. **Zetetiké**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 67-85, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/zetetike/article/view/56789>. Acesso em: 8 dez. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2024.

MORAES, F. S.; NUNES, I. B. Recursos visuais digitais: infográficos na formação de professores para a educação ambiental. **Ambiente & Educação**, Sorocaba, v. 16, n. 1, p. 34-50, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/ambedu/article/view/78901>. Acesso em: 8 dez. 2025.